

va construire des compétences indispensables qui seront au services des compétences disciplinaires et il va pouvoir élaborer son projet personnel voire professionnel.

Mais d'autres finalités de ces projets s'affirment également :

- Favoriser la mobilité internationale.
- Valoriser la francophonie.
- Partager des expériences pédagogiques internationales.

#### BIBLIOGRAPHIE

- BASCO L., 2007, Optimiser les chances de réussite de l'étudiant à l'Université par l'acquisition de compétences transversales, « *De près de loin* », *Revue Cahiers Francophones d'Europe centre-oriental*, n° 13, sous la dir. d'Arpad Vigh et Eva Oszetky, Presses Universitaires de Pécs (Hongrie), (sous presse).
- BASCO L., CICHÁ M., 2006, Rozvoj osobnosti studenta s cílem zvyšit jeho sance na úspěch při studiu na vysoké škole – francouzsky model (La construction de la personne étudiante européenne au travers de l'acquisition de compétences transversales – le modèle français), *Pedagogická orientace*, n° 3, (République Tchèque), pp. 3–14.
- BASCO L., CICHÁ M., 2006, Rozvoj vybraných studijních kompetencí (osobnostní povahy) u studentu vysokých škol – zkušenosti z Francie (La construction de la personne étudiante européenne au travers de l'acquisition de compétences transversales – les expériences françaises), in : *E – Pedagogium* (version on-line), n° 4, <http://www.epedagog.upol.cz>, ISSN 1213-7499 ; in : *E – Pedagogium* (version imprimée), n° 4, ISSN 1213-7758 (République Tchèque), pp. 9–22.
- BASCO L., LEFEBVRE M.E., BLANCON R., 2003, Peut-on aider les étudiants de premier cycle à élaborer des stratégies de formation efficace ?, *Etudes Vauclusiennes*, n° de janvier-juin 2003, Association des études vauclusiennes, pp. 45–51.
- BASCO L., LEFEBVRE M.E., 2001, Evaluation des enseignements des modules "Construction de Projet Personnel et des effets produits sur les étudiants, Peut-on aider les étudiants de premier cycle à élaborer des stratégies de formation efficaces ?, Introduction de la démarche qualité dans l'enseignement supérieur, *Kalis*, n° de septembre, Université Pierre Mendès France Grenoble 2, pp. 68–81.
- CANER F., 2000, Du projet personnel et professionnel des étudiants en Sciences et Technologies, *Spiral. Revue de Recherche en Education*, n° 26, pp. 259–273.
- DE PERETTI A., 1983, Changer l'école, *Revue des Amis de Sèvres*, n° de septembre, pp. 26–29.
- DE SORVAL G., 1981, *Le langage secret du blason*, Paris, Albin Michel.
- GILLY M., 1980, *Maître-élève, rôle institutionnel et représentations*, Paris, PUF.
- MINISTÈRE DE L'ÉDUCATION NATIONALE, Note d'Information 00.25, (2000), *Les facteurs de réussite dans les deux premières années d'enseignement supérieur (DEUD, DUT, BTS)*.

Natalia Czopek

Universidade Jagellónica  
de Cracóvia

## O CRIOULO DAS ILHAS DO BARLAVENTO COMO UM EXEMPLO DA ABERTURA À CRIOLIZAÇÃO DO PORTUGUÊS

*Kriolu é arma de identifikason di kabuverdianu,  
lingua di mórna y puezia, sinbulu di dor y speransa...  
ki inda sa ta spera se dignifikason di lingua di nason...  
(www.capeverdeancreoleinstitute.org)*

O continente africano, ao longo dos séculos, por causa da sua história e diversidade étnica, era território de contacto de falantes de várias línguas maternas. Esta "Torre de Babel" africana era constituída tanto pelas línguas indígenas como europeias, sobretudo na época das Grandes Descobertas. Actualmente, como consequência de tal situação, observam-se diferentes resultados daquelas relações linguísticas, por exemplo, a posição relativamente forte das línguas crioulas de base portuguesa nos sistemas linguísticos de vários países do continente. Nas Ilhas de Cabo Verde, na Guiné-Bissau, nas Ilhas de São Tomé e Príncipe e em certas zonas de Senegal continuam a utilizar-se crioulos formados ao longo de vários séculos de influências mútuas do português e das línguas africanas. No entanto, vale a pena concentrarmo-nos em Cabo Verde cuja realidade linguística é excepcional por ser o crioulo a única língua, além do português, utilizada neste território e escolhida pelos habitantes no seu dia-a-dia.

Como é que era o processo de formação das línguas crioulas de base portuguesa? O que é que herdaram das línguas dos colonizadores e qual foi a influência das línguas africanas? A descrição das etapas gerais da evolução dos crioulos e uma breve comparação de um texto crioulo das ilhas do Barlavento<sup>1</sup> e da sua tradução para o português possibilitar-nos-ão distinguir algumas diferenças e semelhanças em relação ao português. No entanto, é preciso assinalar que o fragmento que se vai citar a seguir não foi a única base aproveitada na análise. As características observadas podem servir de exemplos dos resultados possíveis da crioulização do português e, por conseguinte, podem ser utilizadas como ajuda numa investigação mais pormenorizada.

<sup>1</sup> O arquipélago de Cabo Verde é formado por dez ilhas divididas por Sotavento e Barlavento. Ao grupo do Barlavento pertencem as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista.

Para começar, vamos apresentar o processo de formação das línguas crioulas que normalmente começa quando diversos sistemas linguísticos entram em contacto. Este contacto verifica-se sempre em situações de bilinguismo, isto é, quando uma sociedade ou um indivíduo utiliza, conforme os interlocutores ou as circunstâncias, dois ou mais registos linguísticos, duas ou mais línguas (Morais Barbosa 1967: 111). Para o bilinguismo ser perfeito, ou seja, para as línguas serem praticadas pelos falantes com inteira correcção, nenhuma delas pode ser afectada por outras. As línguas não chegam propriamente a contactar e mantêm-se mutuamente impenetráveis. É facto, todavia, que os casos de bilinguismo perfeito não ocorrem com frequência nas comunidades mas verificam-se num plano individual. O que normalmente sucede quando uma sociedade se torna bilingue é verificar-se o fenómeno de interferência linguística no campo do vocabulário, fonologia e da gramática que afecta apenas uma ou mais de uma das línguas em contacto.

Um tipo extremo de contacto entre as línguas é aquele em que as interferências linguísticas são tão numerosas e profundas em cada um dos idiomas que estes acabam por perder a sua individualidade. Neste caso, da combinação de traços das línguas em contacto resulta uma nova língua, distinta de cada uma daquelas que lhe deram origem. Deste modo, através de uma fase de pidginização, formam-se os chamados crioulos.

É óbvio que estes não surgiram directamente após o primeiro contacto dos falantes de diferentes idiomas. Formaram-se gradualmente, passando pela fase dos chamados pidgins ou línguas francas, ou seja dos idiomas praticamente improvisados com elementos das línguas em presença. Os representantes de diferentes famílias linguísticas, subitamente postos em contacto, necessitaram criar um novo meio de comunicação. Em consequência, algumas palavras do português, adaptadas à pronúncia da maioria das línguas nacionais, começaram a ser compartilhadas. Não havia ainda regras para se construírem frases. Tratava-se apenas de um tipo de jargão, do germe de uma língua comum entre diversos povos aloglotas que conviviam no mesmo espaço. Quando começaram a surgir regras para a construção de frases elementares, o jargão inicial evoluiu para o pidgin que se caracteriza por léxico, morfologia e domínios de emprego muito reduzidos. Pode exercer a sua função com pouco mais de mil palavras, não podendo, pois, funcionar como língua materna. Outras formas de linguagem, como gestos e contexto situacional são neste caso essenciais para o processo de comunicação. A falta de formas gramaticais que, por exemplo, localizem o enunciado no tempo faz com que só o contexto possa determinar a sua referência temporal, como na expressão: *Min lavá mininu* < Eu lavar menino (Lourenço 1992: 120).

Não admira que, nas etapas acima descritas, as interferências lexicais sejam as primeiras e as mais frequentes, posto que se processem com a maior facilidade e com as menores consequências para o sistema da língua importadora. À língua dominante, que contribui com o léxico para a formação do pidgin e do crioulo, dá-se o nome de língua base, de língua lexificadora ou de superstrato.

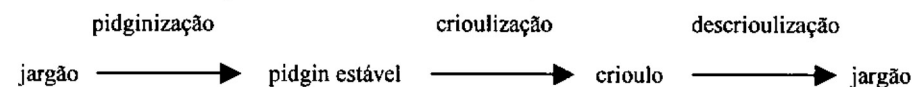
As crianças que nascem nas comunidades de realidade linguística acima descrita, recebem, como herança, esta forma imperfeita de linguagem mas para um pidgin poder funcionar como língua materna é preciso reestruturá-lo e complexificá-lo. A reestruturação e nativização dão origem a um crioulo em sociedades de forte

miscigenação, fraco acesso à língua portuguesa e perda total ou parcial da funcionalidade das línguas maternas já existentes. Os lugares de isolamento e concentração como as ilhas, as plantações, os fortes e as cidades favorecem a formação de um crioulo. O crioulo, portanto, é um ex-pidgin, ou seja, um pidgin que se tornou língua materna de crianças numa comunidade e cuja gramática e léxico foram complexificados e aumentados. Se o pidgin só servia para uma comunicação precária, o crioulo serve para todas as necessidades expressivas e comunicacionais de seus usuários.

Sendo, ao contrário dos pidgins, línguas maternas de uma comunidade, os crioulos uma vez formados, passaram a constituir símbolos de identidade de grupo, o que explica a sua resistência às tentativas assimiladoras das línguas de poder e de maior prestígio social e cultural que com eles se mantiveram em contacto. Essa resistência foi tanto eficaz quanto maior o isolamento e quanto menor o poder e a pressão das línguas em contacto, nomeadamente através da instrução. Nas circunstâncias nas quais as populações falantes de crioulos ascenderam à independência, houve uma revitalização do crioulo, fortalecida nos casos de oficialização.

Não obstante, nem sempre se formaram pidgins ou estes deram origem a crioulos. Os pidgins, como formas linguísticas de recurso, puderam desaparecer, quando desapareceram as condições que os tornaram necessários, ou fixar-se nos casos em que se manteve a convivência dos indivíduos e atribuíram-se os valores sistemáticos a elementos que circulavam sem estatuto linguístico ou com estatuto indefinido. Do mesmo modo, aos crioulos, criados do contacto com línguas dominantes, atribui-se geralmente um destino efémero quer por perda gradual das suas características linguísticas a favor da língua dominante, quer pela adopção de outras línguas, socialmente mais funcionais, pelos próprios falantes. Tomando isto em consideração, a situação linguística do Cabo Verde é ainda mais apreciável.

O processo que se acaba de descrever pode ser representado pelo *ciclo vital pidgin-crioulo* (Hall 1962, Hymes 1971 em [www.unb.br](http://www.unb.br)):



Falta-nos citar aqui três teorias relacionadas com a génese dos crioulos. Os princípios da primeira delas, anunciada em 1881 por A. Coelho e que mais aceitação teve entre os linguistas, são os seguintes:

- Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.

- Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a sua origem à acção de leis psicológicas ou fisiológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos (Celso Cunha 1981: 39).

A segunda teoria, que ainda hoje encontra seguidores, foi exposta por L. Adam que em 1883 afirmou: "O crioulo é uma língua mista, constituída do vocabulário de um

idioma europeu, adaptado ao sistema gramatical de uma língua indígena" (cf. Celso Cunha 1981: 40).

A última teoria, apesar de muito criticada, descreve o crioulo como um tipo de *baby-talk*, uma precária comunicação inicial em que o senhor-mestre ensinava ao escravo improvisando formas que se identificavam às da linguagem infantil (Celso Cunha 1981: 40).

Vamos passar agora à uma breve análise de um texto em crioulo utilizado nas ilhas do Barlavento. Como já foi dito, o objectivo da análise não é uma investigação pormenorizada. Pretende-se apenas mostrar algumas características desta língua em comparação com o português. As conclusões posteriormente referidas não são de carácter universal para todas as línguas crioulas mas podem ser aproveitadas para uma descrição mais detalhada.

Texto em crioulo:

#### CONTRABÓNDE

*Florence antrá sem salvá, el dspí ta remessá rôpa pa tud banda e el bá metê na cama. Nha Rufina, sê mãi, da lá d'pê d'candêr, ondê qu'el tá ta remendá un camisa, vrá perguntá!*

– Contcêb algum cõsa, nha fidje?

– Não. Bocê bá detá também, bocê bá, e...cuidóde!...Pa tud gente, hoje bocê fidje ca sai d'casa dspôs d'jantar, e el bá detá cedê, 'cê uví? Bom!...

*Nha Rufina levantá, pegá d'candêr, e inviozá pa sê cama, ta bá ta catá na scure, rôpa q'fidje largá na tchôn. Ma el ca dspí, nem el ca detá. El sentá na bordêra d'cma ta pensá.*

*Dês q'Florênce tá andá metid na negóce d'contrabónde, el tá vivê pequentóde. Tud dia el tá pó ta sperá pa Florênce, sentód na pê d'candêr, ta remendá, e temente el ca tá oiál parcê, tá fcá lá ta remendá, tê pônte confundil vista.*

*Hoje Florênce ja voltá a alál detód e ta bá c'sône; ma nha Rufina ta c'um tremura na perna ma um batidura na peite, q'ca ti ta cunvdál nada. Culpa daquel recomendaçõn d'Florênce.*

*Ó cma fidje ta dá mãi tormeinte! T'obrigás contá mintira, ma jurá fólse!...*

*Ma...esê quêl?... Bscál uví um pê calçód pará diant d'porta d'casa....*

*Ja's batê dós pansada na porta!... Virja Maria!...*

*Nha Rufina já trantá! Quêl cõsa ê nhô Rôque, d'certéza, nhô Rôque pliça!... Quand ê que aquêl stupôr ha dxá coitód ranjá sês vida socegóde, ahn? Carvôn já cabá, lénha ca tem, tchuva cai na mar...Não, mestê el compô, prepará, armá d'corája. Mestê el dfendê se fidje, nem qu'el tiver d'contá mintira ma jurá fólse!...*

*El cendê candêr, el sentá pêl d'cara, cabá el bá abri. (Frusoni 1975: 169).*

A versão portuguesa:

#### CONTRABANDO

*Florêncio entrou sem cumprimentar, despiu-se, atirando a roupa para todos os lados, e foi meter-se na cama. A nha Rufina, sua mãe, de lá de ao pé do candeeiro, onde estava a remendar uma camisa, virou-se e perguntou-lhe:*

– Aconteceu-te alguma coisa, meu filho?

– Não. Vá-se deitar também, vá, e...cuidado...para toda a gente o seu filho hoje não saiu de casa depois do jantar, e foi deitar-se cedo...ouveu? Bem...

*A nha Rufina levantou-se, apagou o candeeiro e dirigiu-se para a sua cama, indo procurar, no escuro, a roupa que o filho largara no chão. Mas não se despiu, nem se deitou. Sentou-se na borda da cama a pensar. Desde que o Florêncio andava metido no negócio de contrabando ela andava apoquentada. Todos os dias esperava pelo Florêncio, sentada ao do candeeiro, a*

*remendar, e enquanto não o via aparecer ficava lá a remendar até os pontos lhe confundirem a vista.*

*Hoje Florêncio já voltou e há-de estar deitado e prestes a adormecer mas a nha Rufina está com um tremor nas pernas e um bater no peito que não lhe agrada nada. Culpa daquela recomendação do Florêncio.*

*Oh como os filhos atormentam as mães? Obrigam-nas a contar mentiras e a jurar falso...*

*Mas...que se passa?... Pareceu-lhe ouvir um pé calçado parar em frente da porta. Nha Rufina ficou atarantada! Trata-se do nho Roque com certeza, do nho Roque polícia!*

*Quando é que aquele estupor havia de deixar de coitados arranjar a sua vida sossegados, ah? O carvão já acabou, lenha não há, a chuva caiu no mar.... Não, precisa de se compor, precisa de se preparar e de se armar de coragem. Tem de defender o seu filho, nem que tenha de contar mentiras e jurar falso.*

*Acendeu o candeeiro, alisou a pele do rosto e foi abrir. (Frusoni 1975: 169).*

A base da presente análise é a versão escrita do crioulo das ilhas do Barlavento. Por conseguinte, não é possível formular aqui conclusões gerais respeito ao sistema fonológico desta língua. No entanto, alguns fenómenos fonológicos podem ser observados até no texto acima citado.

Assim, observamos aqui a redução ou até a síncope dos ditongos *ei* e *oi* seguidos de consoante:

*candêr* – port. *candeeiro*, *dxá* – port. *deixar*, *detód* – port. *deitado*, *cõsa* – port. *coisa*, *dspôs* – depois.

O último exemplo (*dspôs* – depois) mostra mais uma característica deste crioulo, nomeadamente a redução das vogais átonas, confirmada também pelos exemplos seguintes:

*tud* – port. *todo*, *scure* – port. *escuro*, *metid* – port. *metido*, *sperá* – port. *esperar*, *fcá* – *ficar*, *dspí* – port. *despir*, *cabá* – port. *acabar*, *pliça* – *polícia*, *dfendê* – port. *defender*.

Mais uma mudança observada é a troca do *a* tónico pelo *o* no caso das palavras que em português acabam com a vogal *o*:

*contrabónde* – port. *contrabando*, *calçód* – port. *calçado*, *socegóde* – *sossegado*.

Menos comuns são os casos de assimilação das vogais dentro das palavras: *mintira* – port. *mentira*.

A última característica do sistema vocálico observada no texto é a representação gráfica *-ôn* do ditongo nasal final *ão*:

*tchôn* – port. *chão*, *recomendaçôn* – port. *recomendação*, *carvôn* – port. *carvão*.

Passando à descrição do sistema das consoantes, é impossível ignorar a apócope do *r* final nos infinitivos, à excepção do verbo *ser*:

*remendá* – port. *remendar*, *contá* – port. *contar*, *jurá* – port. *jurar*, *vivê* – port. *viver*, *abri* – port. *abrir*.

Ao compararmos os exemplos do texto com os resultados das investigações pormenorizadas de J. Herculano de Carvalho (1966) e de B. Silva (1957), podemos constatar que a consoante *ch* se pronuncia sempre como [tʃ], como no caso de *tchuva* – port. *chuva* ou *tchôn* – port. *chão* e que a consoante labiodental *v* é pronunciada como *b* bilabial, o que, muitas vezes, influencia a grafia: *bá* – port. *vai*, *bocê* – port. *você*. A

consoante palatal *lh*, por seu turno, desaparece completamente ou é substituída por *dj*: *fidje* – port. *filho* (Cf. Hlibowicka-Węglarz 2003: 23–24).

Para continuar, as análises morfológica e sintáctica do dito texto facilitam a observação de outras características do crioulo do Barlavento presentes no texto. A primeira delas é a falta de marcas do feminino e do plural, tanto no caso dos substantivos como dos adjectivos, e a falta de concordância do artigo com o número e género do substantivo:

*daquel recomendaçôn* – port. *daquela recomendação*, *tud dia* – port. *todos os dias*, *tud gente* – port. *toda a gente*, *un camisa* – port. *uma camisa*, *algum cōsa* – port. *alguma coisa*, *na tchôn* – port. *no chão*, *na negóce* – port. *no negócio*, *um pé calçód* – port. *um pé calçado*.

As formas dos pronomes pessoais, possessivos e deícticos tornam-se uniformes. Assim, a forma *el* substitui os pronomes pessoais portugueses *ela* e *ele*. É comum, ao mesmo tempo, substituir os pronomes possessivos pelos pessoais:

*el dspí* – port. *ele despiu-se* / *el bá arbi* – port. *ela vai abrir*, *daquel recomendaçôn* – port. *daquela recomendação* / *aqueê stupôr* – port. *aquele estúpido*, *bocê fidje* / *se fidje* – port. *o seu filho*.

Os pronomes do complemento indirecto no texto analisado são reduzidos e juntam-se directamente ao verbo:

*Contecêb algum cōsa, nha fidje?* – port. *Aconteceu-te alguma coisa, meu filho?*, *q'ca ti ta cunvdál nada* – port. *que não lhe agradam nada, tê pônte confundil vista* – port. *até os pontos lhe confundirem a vista*, *bscál* – port. *pareceu-lhe*, *perguntál* – port. *perguntou-lhe*.

Além disso, observando os verbos presentes no texto, podemos chegar à conclusão que as formas de diferentes tempos verbais ficam reduzidas a uma forma que, ao mesmo tempo, representa o infinitivo. Esta situação não concerne os verbos *ter*, *vir* e *ir*:

*antrá* – port. *entrou*, *salvá* – port. *cumprimentar*, *uvi* – port. *ouviu*, *bscál uvi* – *pareceu-lhe ouvir*, *voltá* – port. *voltou*, *ranjá* – port. *arranjar*, *cabá* – port. *acabou*, *prepará* – *preparar*, etc.

O aspecto perfectivo do verbo e a referência temporal ao passado acabado marcam-se habitualmente pela partícula *já*: *já cabá* (port. *já acabou*).

O imperfeito do indicativo, por sua vez, é formado pelas formas acima descritas e pelo verbo *estar* na forma reduzida. Esta construção desempenha também o papel da perífrase portuguesa *estar a + infinitivo*:

*tá ta remendá* – port. *estava a remendar*, *ta remessá* – port. *atirando*, *ta bá* – port. *indo*, *tá vivê* – *vivia*, *alál detód* – port. *há-de estar deitado*, *tá fcá* – port. *ficava*, *tá andá* – port. *andava*.

Às características acima descritas vale a pena adicionar o emprego das partículas *ca* e *pa*. *Ca* utiliza-se em função da partícula negativa *não* portuguesa enquanto *pa* substitui a preposição *para*:

*ca sai* – port. *não saiu*, *pa sê cama* – port. *para a sua cama*, *pa tud banda* – port. *para todos os lados*, *ca dspí* – port. *não se despiu*, *ca detá* – port. *nem se deitou*, *ca ti ta cundavál nada* – port. *não lhe agradam nada*, *ca tem* – port. *não há*.

O último exemplo mostra também o uso do verbo *ter* na situação na qual o português emprega o verbo *haver*.

Para resumir, o crioulo que acabamos de descrever tem muitas características semelhantes à língua portuguesa. Porém, é preciso assinalar que estas semelhanças concernem sobretudo o léxico, enquanto a morfologia e a sintaxe levam muitos traços das línguas africanas cuja influência levou à simplificação da gramática portuguesa. A desaparecimento da oposição entre o singular e o plural, por exemplo, pode ter sido causada pelas interferências com as línguas *kikongo*, *umbundo* ou *kimbundo* nas quais o género e o número do substantivo é marcado por prefixos: *salo* (*kikongo*, port. *trabalho*) / *bisalo* (port. *trabalhos*), *mutu* (*kimbundo*, port. *peessoa*) / *atu* (port. *peessoas*) (Cf. Lourenço 1992: 56). Além disso, o sistema de pronomes das línguas africanas do grupo bantu é bastante simplificado. De exemplo pode servir a língua *umbundo* na qual o pronome possessivo *papa yange* (port. *o meu pai*) tem a mesma forma como *mama yange* (port. *a minha mãe*). Finalmente, o sistema de conjugação de verbos africano, onde o aspecto tem mais importância do que as referências temporais, substituiu o sistema português (Valkhoff 1968: 57).

Recapitulando, é comum descrever os crioulos de base portuguesa como o efeito de interferências do léxico português e da gramática simplificada das línguas africanas. Os crioulos de Cabo Verde são considerados como os mais próximos do português enquanto nos crioulos da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe levam mais traços das línguas africanas. Além disso, existem também certas diferenças linguísticas entre as diferentes ilhas e regiões mas, ao mesmo tempo, é inegável que actualmente a posição dos crioulos na realidade linguística dos respectivos países é relativamente forte. No entanto, ao observarmos os seus processos de formação, notamos um certo desprezo em relação a estes meios de comunicação. Na linguagem comum e na literatura das épocas anteriores notam-se certas dificuldades em designar ou definir os diversos resultados linguísticos da expansão portuguesa. *Língua de preto*, *português simplificado*, *português corrupto* ou *mal falado*, *português negro*, *língua franc*, *linguajar*, *falar* são só algumas das denominações utilizadas (Lourenço 1992: 123). Felizmente, a linguística moderna atribui-lhes o estatuto de verdadeiras jóias linguísticas das quais é preciso cuidarmos apesar de a maioria deles existirem apenas na forma oral. É indispensável que os jovens africanos não abandonem a fala dos seus pais a favor do português porque a formação e a conservação dos crioulos dependem deles e, sendo fenómenos únicos à escala do planeta, devem manter-se vivos.

## BIBLIOGRAFIA

- Bal W. (1979): *Afro-Românica Studia*, Edições Poseido, Albufeira.  
 Carreira A. (1982): *O crioulo do Cabo Verde, surto e expansão*, edição do autor, Lisboa.  
 Elia S. (1966): *A difusão das línguas europeias e a formação das variedades ultramarinas, em particular dos crioulos*, FLUC, Coimbra.  
 Frusoni S. (1975): "Textos crioulos cabo-verdianos", em: M. F. Valkhoff (ed.), *Miscelânea Luso-Africana*, Lisboa, (34–36).  
 Herculano de Carvalho J. G. (1966): *Sobre a natureza dos crioulos e sua significação para a linguística geral*, Coimbra Editora, Coimbra.  
 Hlibowicka-Węglarz B. (2003): *Język portugalski w świecie*, UMCS, Lublin.

- Lourenço E. [et al.] (1992): *Atlas da língua portuguesa na História e no Mundo*, I.N.-C.M., Lisboa.
- Morrais Barbosa J. (1967): *O português no mundo*, FLUL, Lisboa.
- Silva B. (1957): *Dialectos portugueses do ultramar. O dialecto crioulo do Cabo Verde*, Imprensa Nacional, Lisboa.
- Valkhoff M.F. (1968): "Algumas reflexões sobre os dialectos crioulos", em: *Boletim mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, Lisboa, (49–60).

Adam Jarosz

Université de Gdańsk

*MATHIAS SANDORF* DE JULES  
VERNE OU UNE HISTOIRE DE  
L'UTOPIE INSULAIRE  
FERMÉE

Le roman *Mathias Sandorf* de Jules Verne paraît en 1885. Il offre de nombreuses similitudes avec *Le Comte de Monte-Cristo* d'Alexandre Dumas, et Verne ne cache pas qu'en multipliant les analogies et les allusions à cette œuvre il voulait rendre hommage à son auteur. Difficilement qualifiable de roman de robinsonnade au sens strict du terme, *Mathias Sandorf* n'en offre pas moins un épisode insulaire important, car son protagoniste Mathias Sandorf, ex-comte hongrois et réfugié politique, s'installe dans une des îles de la Méditerranée en vue d'y fonder un microcosme social idéal, une sorte d'utopie insulaire moderne. L'entreprise réussit, l'île devient riche et prospère, mais l'idylle insulaire n'est pas pour autant parfaite et, dès le début, une menace sombre pèse lourd sur le territoire insulaire. Riche et bien aménagé, celui-ci suscite la convoitise de tous les pirates de la Méditerranée qui se liguent pour s'en emparer. Afin de contrecarrer leurs plans Mathias Sandorf, *alias* docteur Antékirtt, organise des travaux de fortification sur une très grande échelle qui opèrent une transfiguration totale, à la fois morphologique et symbolique, de l'espace insulaire. Antékirtta, l'île du docteur, perd progressivement sa beauté et son charme originels pour se transformer en territoire industrialisé et militarisé au plus haut point. Ces deux caractéristiques qualitativement nouvelles de l'île apportent une modification essentielle de sa nature profonde. Dépossédée en partie de ses attraits de l'éden terrestre, elle se transforme en île-forteresse ou en île carcérale, dont la teneur symbolique oscillera toujours entre deux pôles affectifs radicalement opposés : la surprotection psychologiquement sécurisante et l'emprisonnement.

Pourtant, une pareille *dénaturation carcérale* de l'île paradisiaque, pour utiliser l'expression proposée par J.-J. Wunenburger<sup>1</sup>, ne saurait surprendre dans le domaine des recherches sur l'imaginaire où Antékirtta s'inscrit pile dans toute la lignée des utopies sociales localisées dans l'espace insulaire, telles que celles de Platon, de Bacon ou de More pour ne mentionner que les plus importantes.<sup>2</sup> Comme le fait observer

<sup>1</sup> J.-J. Wunenburger, *Rêveries insulaires*, in *La vie des images*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 1995, p. 86.

<sup>2</sup> Tel est aussi l'avis de N. Minerva qui présente la liste d'utopies verniennes sur laquelle figure aussi celle de *Mathias Sandorf*; cf. N. Minerva, *Jules Verne aux confins de l'utopie*, Paris, L'Harmattan, 2001, p. 19.